

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo**APRESENTAÇÃO**

A Revista de Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no site da AATESP- www.aatesp.com.br . Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas de arteterapeutas associados e de autores de áreas afins orientados por um arteterapeuta associado, interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e a reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: revista@aatesp.com.br

Editora:

Dra. Leila Nazareth

Conselho Editorial:

Dra. Leila Nazareth

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabiatti – AATESP

Esp. Maria Angela Gaspari

Conselho Consultivo:

Dra. Adriana Leopold – Instituto Freedom

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA, FEN-UF, UNB

Angelica Shigihara de Lima - AATERGS

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Brandt Nunes – UFMS

Dra. Cristina Dias Allessandrini – Alquimy Art

Ms Dilaina Paula dos Santos – AATESP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Dra. Lara Nassar Scalise – INSTED

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Marcia Bertelli Bottini – ASPOARTE

Ms Marcieli Cristine do Amaral Santos – AATESP

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Dr.. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae



Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – UNIPAZ

Ms. Tania Cristina Freire – AATESP

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa

Ana Alice Nabas Francisquetti

Formatação, Editoração

Gisela Dias

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2021-2022

Diretora Gerente

Dilaina Paula dos Santos

1ª Diretora Adjunta

Lara Nassar Scalise

2ª Diretor Adjunto

Sandro José da Silva Leite

1ª. Secretária

Marcia Cristina de Aguiar

2ª. Secretária

Valéria Gonçalves da Cruz Monteiro

1º. Tesoureira

Cristina de Barros Shigueru

2ª Tesoureira

Teresa Kam Teng

Conselho Fiscal

Celso Luiz Falaschi

Alexandre Teixeira Pinto Eschenbach

Ligia Kohan Tarandach

Elaine Cristina Tomaz Silva

Revista

Leila Nazareth

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maria Angela Gaspari

Sumário

EDITORIAL

Abrindo caminhos 02

Leila Nazareth

ARTIGO ORIGINAL

Grilhão, Argola, Corrente: uma mesma imagem, diferentes significados 04

Ana Carmen Nogueira

ARTIGO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Efeitos da Arteterapia em um grupo de mulheres com Esclerose Múltipla durante um período de isolamento social pela COVID-19 15

Teresa Kam Teng, Margareth Mori Taylor Zampier e Alice Estevo Dias

ARTIGO RELATO DE EXPERIÊNCIA

Benefícios do acompanhamento arteterapêutico na ideação suicida: análise de um caso clínico 32

Natália de Figueiredo Machala Domingueti e Karen Rosângela Silva de Souza Saviotti

EDITORIAL**Abrindo caminhos**

Leila Nazareth

O período de isolamento social, decorrente das medidas de contenção para a pandemia de COVID-19, representou grandes alterações no cotidiano de pessoas ao redor do mundo. Transformações na maneira de trabalhar, estudar, relacionar-se caracterizam o existir nestes tempos incertos. Sentimentos de tristeza, depressão, luto e insegurança alternam-se com esperança e fé na capacidade de a humanidade superar e resolver o intrincado enigma de viver e sobreviver a este cenário de caos. As profissões de cuidado à saúde mental, dentre elas destaca-se a Arteterapia, escutaram o apelo da sociedade e passaram a ocupar o ciberespaço, promovendo atendimentos *on line*, *lives*, oficinas, enfim, prestando todo o tipo de suporte a pessoas em sofrimento psíquico ou psicossocial. Temos, neste número da Revista de Arteterapia da AATESP, relato de experiência nessa nova modalidade de atuação. Alguns outros trabalhos, ainda do período anterior à pandemia, também compõem nosso volume.

O primeiro artigo, **Grilhão, argola, corrente: uma mesma imagem, diferentes significados**, foi produzido por **Ana Carmen Nogueira**, que se dedica a uma reflexão sobre a leitura de imagens e a pessoa com deficiência visual. A partir da obra de Chien Chi, que integrou a da 25ª Bienal de São Paulo, analisada por Azevedo (2009), a autora dialoga com teóricos, como Manguel, Martins e Sontag, produzindo uma instigante reflexão sobre o campo da imagem e da subjetividade. Assim, a reflexão sobre a imagem e suas implicações na concepção de cada pessoa sobre si e sobre o mundo que a cerca pode abrir um rico campo de atuação na Arteterapia, no atendimento a pessoas com deficiências visuais. O arteterapeuta, como todos aqueles que trabalham com Arte, pode assumir o papel de mediar as relações do seu cliente com o universo das imagens, promovendo o diálogo entre o sujeito e a imagem que lhe é apresentada.

Na sequência, encontramos com **Efeitos da Arteterapia em um grupo de mulheres com Esclerose Múltipla durante um período de isolamento social pela COVID-19**, de **Teresa Kam Teng, Mari T. Zampieri e Alice Estevo Dias**. As autoras relatam o atendimento remoto a mulheres com esclerose múltipla (EM) durante o período de isolamento social determinado pela pandemia de covid-19. O atendimento ocorreu durante quatro meses e seguiu o formato de oficinas. O objetivo foi acolher e escutar as ansiedades dessas mulheres, favorecendo o exercício da criatividade, a troca, a reflexão e o

autoconhecimento. As sessões aconteceram em plataforma digital, com frequência semanal e duração de uma hora. Os resultados destacam o valor da Arteterapia para o bem estar do grupo de mulheres atendido, confirmando que oficinas em forma digital podem ser opção para o trabalho arteterapêutico.

Natália F. M. Domingueti e Karen R. S. S. Saviotti trazem uma importante reflexão sobre o emprego da Arteterapia no acompanhamento de paciente com ideação suicida. O artigo, intitulado **Benefícios do acompanhamento arteterapêutico na ideação suicida**, apresenta a análise de um caso clínico a partir da descrição do atendimento de uma adolescente, no período de 1 ano e 6 meses. As técnicas empregadas foram desenho, pintura, colagem, mosaico e argila. Foram trazidas 9 sessões, nas quais se pode observar a redução da ideação suicida e o resgate da autoestima.

Da diversidade de caminhos percorridos, de redes sociais tecidas, de significados redefinidos, das parcerias entre arteterapeutas, construiu-se este exemplar de nossa revista. Desejamos a todos uma boa leitura e muita inspiração para novos projetos, que gerarão novos textos, que teremos muito prazer em compartilhar em nossas páginas.

ARTIGO ORIGINAL**Grilhão, Argola, Corrente: uma mesma imagem, diferentes significados
Shackle, Ring, Chain: the same image, different meanings**Ana Carmen Nogueira¹

Resumo: Este texto procura fazer uma reflexão sobre leitura de imagem e a pessoa com deficiência visual. Apoiamos-nos no texto de Fernando A.G de Azevedo "A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano", uma instigante leitura de imagens da obra do artista chinês Chien Chi apresentada na 25ª Bienal de São Paulo. A partir desta experiência estética de Azevedo, nos apropriamos de suas descobertas para fazer um trabalho de audiodescrição. Na análise da leitura de imagens e da audiodescrição buscamos nos embasar em alguns estudiosos da imagem como Alberto Manguel, Mirian Celeste Martins e Susan Sontag Para pensar na leitura de imagens para pessoas com deficiência visual nos apoiamos nas lições de Begoña Consuegra Cano.

Palavras-chaves: Leitura de imagem; Audiodescrição; Deficiência visual.

Abstract: This text seeks to reflect on image reading and the visually impaired person. We rely on Fernando A.G de Azevedo's text "Art enables human beings to rethink their certainties and reinvent their daily lives", an instigating reading of images from the work of Chinese artist Chien Chi presented at the 25th Bienal de São Paulo. From this aesthetic experience of Azevedo, we appropriated his discoveries to do an audio description work. In the analysis of image reading and audio description, we seek to base ourselves on some image scholars such as Alberto Manguel, Mirian Celeste Martins, and Susan Sontag. To think about reading images for people with visual impairments we rely on the lessons of Begoña Consuegra Cano.

Keywords: Reading images; Audio description; Visually impaire.

¹ Artista, Educadora e Arteterapeuta. Graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, tem Pós-graduação/especialização em Educação Especial pela UNICID, Arteterapia pelo Centro Universitário FIEO. Mestre e Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Leitura de imagens

Ler é atribuir significados, é interpretar o mundo produzindo sentidos, traduzindo fatos e imagens para sua própria codificação, tentativa de recontar a aventura humana por meio das linguagens”. (AZEVEDO, 2009, p. 335).

Ler é interpretar os signos, os códigos, os símbolos que chegam a nós por diferentes formas e meios. A professora Mirian Celeste Martins relata encantada as descobertas do neto e a interpretação que ele faz dos códigos visuais. Conta que seu neto de três anos de idade, em uma loja de moldura, mostrou o símbolo do seu carro pendurado na parede. Eram cantos de molduras penduradas uma em cima da outra, lembrando o símbolo da “Citroën”.

Vivemos em um mundo repleto de imagens que conversam conosco, nos oferecem sentidos e novos significados. Desde muito cedo estamos familiarizados com uma grande quantidade de personagens e cenas da vida cotidiana. Por meio da visão, percebemos formas, tamanho, distância, posição e localização. “Como seres da cultura, atribuímos sentido a tudo o que vemos” (MARTINS, 2010, p. 20). No entanto, dentro da contemporaneidade Martins (2010, p. 21) adverte, devemos estar atentos à diferenciação entre representação e presentificação. Enquanto representar significa “estar no lugar de outra coisa”, presentificar “quer dizer ter semelhança com outra imagem ou coisa”. A arte não representa, ela presentifica, cria algo novo, cria signos que podem ser percebidos por todos os nossos sentidos em um novo modo de perceber a realidade. A arte nos proporciona ferramentas de apreensão do nosso meio, favorece o conhecimento, nos ajuda a ressignificar.

Paulo Freire (1989) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que toda a leitura é influenciada pela experiência de vida de cada um. As crianças desde muito cedo, muito antes da aquisição dos códigos da leitura e da escrita, decodificam o meio em que vivem.

Em sentido freireano, ler o mundo nos humaniza, nos religa ao outro e ao universo. Ler possibilita inventividade por exigir recriação da trama textual como expressão histórica e social que muda a face do mundo, desfazendo certezas e instaurando novos modos de perceber o real. (AZEVEDO, 2009, p. 336).

A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano é o título do capítulo do livro *Arte/educação como mediação cultural e social*, apresentado por Azevedo (2009), mas também é uma afirmação. Inicia com uma afirmativa universal que diz que todos nós, seres humanos, temos a possibilidade de repensar nossas certezas e

reinventar nosso cotidiano por meio da arte. Arte que requer leitura de uma imagem. Afirma Azevedo que o ato de ler nos torna mais humanos e nos religa ao outro e ao universo. Lembra ainda que essa leitura de imagens necessita de um grande diálogo entre o leitor e o autor, criando conexões com os diferentes saberes culturais.

Susan Sontag em *Diante da dor dos outros* (2003) destaca que, diante de uma fotografia existe uma multiplicidade de leituras e de comportamentos possíveis. Santog (2003) relembra o pintor espanhol Francisco Goya na série de gravuras *Os Desastres da Guerra*, onde retratava a crueldade da guerra da independência espanhola 1810 – 1815. Aponta que este olhar de Goya é o olhar da indignação diante dos horrores da guerra que é o olhar que até hoje o homem ocidental possui. No entanto, a mudança de contexto político e ideológico pode trazer outra leitura sobre uma mesma imagem. Um iraquiano provavelmente terá uma leitura completamente diferente da de um norte-americano diante da mesma imagem de guerra. Portanto, a leitura da imagem depende do contexto a que o leitor está inserido.

Neste aspecto, Azevedo (2009) relembra que na contemporaneidade, o papel do arte-educador, do professor e do artista, e acrescentamos do arteterapeuta, é o de mediador das relações com a imagem. Para esclarecer sobre o termo mediação, entendemos a mediação “como um rico processo, como um espaço de “estar entre muitos”, onde o mediador (educador, professor), o fruidor e a obra de arte, dialogam e criam uma fecunda rede de relações” (Grupo de Pesquisa em Mediação: contaminações e provocações estéticas. UNESP, 2011, p. 303).

Assim, todas as imagens que nos chegam por diferentes meios fazem com que o professor/artista/arteterapeuta-mediador seja o promotor de diálogos entre a imagem e seu observador. Azevedo (2009, p. 337) acredita que o mediador deve promover “um sistema de trocas simbólicas em que o leitor – ativo participante – passa a compreender a dimensão estética e artística presente no cotidiano”, levando assim à reflexão crítica do mundo em que vivemos e atuamos.

Para o escritor argentino Alberto Manguel (2009, p. 21), “as imagens, assim como as histórias, nos informam”. Lembra Aristóteles que afirmava que a alma não pensava sem uma imagem mental, e nos aponta que para a pessoa cega outras formas de percepção do mundo suprem a imagem mental que será interpretada. As pessoas videntes vivem em um mundo rodeado constantemente de imagens que são capturadas pela visão e realçadas por todos os outros sentidos. Essas imagens possuem significados múltiplos que variam constantemente e que se transformam em linguagem “feitas de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens” que nos ajudam a compreender a nossa

existência. “Somos feitos de imagens e de palavras”, sentencia o autor, ao mesmo tempo em que levanta vários questionamentos:

Mas qualquer imagem pode ser lida? Ou, pelo menos, podemos criar uma leitura para qualquer imagem? E, se for assim, toda imagem encerra uma cifra simplesmente porque ela parece a nós, seus espectadores, um sistema autossuficiente de signos e regras? Qualquer imagem admite tradução em uma linguagem compreensível, revelando ao espectador aquilo que podemos chamar de Narrativa da imagem, com N maiúsculo? (MANGUEL 2009, p. 21).

Leitura de imagens e a pessoa com deficiência visual

Pensando nestas questões apresentadas por Manguel e refletindo sobre a leitura de imagens que Azevedo nos apresentou em seu texto, introduzo nosso foco de interesse que é a deficiência visual e a arte. Como professora artista e pesquisadora, atuamos na área da deficiência visual desde 2004, assim como desenvolvendo materiais adaptados às necessidades desse grupo de pessoas. Em 2008, lançamos uma coleção de livros focados para as necessidades das crianças com deficiência visual. Cada livro desenvolve pequenas histórias interativas onde o elemento apresentado chama o leitor a um passeio pelas páginas do livro, abrindo assim portas e janelas para o imaginário. A proposta dos livros é contribuir com o desenvolvimento das estruturas de lateralidade, orientação espacial, temporal, coordenação motora, autoconfiança, atenção, e percepção tátil das crianças.

Com interesse em leitura de imagens e aproximações da pessoa com deficiência visual no mundo da arte e da cultura, buscamos novos conhecimentos e caminhos para serem trilhados junto com as pessoas cegas e com baixa visão. Assim, sempre nos encontramos à procura por meios de acesso à informação, cultura e arte para pessoas que não possam se valer dos meios de comunicação visual.

Enfatizamos o que já foi dito anteriormente, que desde que nascemos estamos lendo diferentes códigos. Deciframos o mundo por meio de nossos sentidos. Lemos o mundo para nos compreender e para compreender o outro. De diferentes maneiras vamos desenvolvendo a capacidade de ler o mundo. Passamos perto de uma padaria e sentimos o aroma do pão quentinho e logo surge na nossa mente a imagem do pão dourado, crocante e saboroso. Lemos o mapa da cidade para encontrar nosso caminho, lemos a partitura que tocará uma música, lemos os sinais de irritação, de medo, de amor e amizade. Lemos o outro, lemos o mundo e deciframos um pouco de nós mesmos.

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a

compreender. Não podemos deixar de ler. Ler é como respirar, é nossa função essencial. (MANGUEL, 2004, p. 21).

Refletindo sobre a importância de ler e compreender o mundo, o outro e a nós mesmos, tendo a leitura do mundo “nossa função essencial”, voltamo-nos à pessoa com deficiência visual.

Sabemos que é principalmente por meio do tato e da audição que o cego e a pessoa com baixa visão se apropria das coisas do mundo à sua volta. Sua comunicação com o mundo é feita por meio do corpo, pela percepção háptica, auditiva e por sua mobilidade. O tato, a audição, o paladar, o olfato e a visão, atuam como canais de entrada de informações muito valiosas nas observações. Cada um dos sentidos proporcionam informações que se completam e cada um deles oferece informações específicas e especializadas. Os sentidos visual, háptico, auditivo, olfativo e gustativo oferecem uma representação da realidade por meio das diversas informações que são recolhidas do mundo ao redor. Essas capacidades de retirar diferentes informações do mundo oferecem na falta de um dos sentidos, a adaptação ao meio com os sentidos que são eficazes. Desta forma, é pela experiência que a pessoa com alguma deficiência sensorial vai se adaptando ao meio.

Para a pessoa cega ou com baixa visão, os sentidos háptico, auditivo, olfativo e gustativo são os canais de acesso à fruição da arte e da cultura. Por meio do tato e da descrição verbal assimilam as informações vindas do exterior.

A descrição completa e amplia as informações obtidas pelo tato. A linguagem permite que se tenha acesso a diferentes informações e conceitos como também um melhor reconhecimento tátil de uma obra adaptada. Tradicionalmente se diz que descrever é “pintar com palavras”. Quando se apresenta uma obra em relevo, adaptada ao tato, é possível oferecer informações sobre a localização e o número das figuras dentro da composição, no entanto, não se consegue transmitir, as cores, transparências, luzes e sombras e toda a atmosfera que se encontra na cena. Esses problemas são amenizados pela descrição destes elementos (CANO, 2002).

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o

entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. (MOTTA; ROMEU, 2010, p. 11).

Como recurso de acessibilidade acreditamos que a audiodescrição pode ser considerada não apenas uma atividade de mediação linguística, mas uma mediação cultural e social. Entendendo mediação cultural e social como o “esforço para ampliar o contato, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro”. (BARBOSA, 2009, p. 21).

Cano (2002) ressalta que os estudiosos na área da deficiência visual têm se preocupado com o emprego desta ferramenta na questão do verbalismo. Verbalismo é a tendência a referir-se às coisas sem saber ao certo o que são, isto é, ter conhecimento verbal que não corresponde ao conhecimento perceptivo. Verbalismo é conhecer teoricamente sem ter a experiência. Os teóricos insistem que é de grande importância que a pessoa cega ou com baixa visão tenha um conhecimento o mais direto possível do mundo que a rodeia. É fundamental que os materiais e as atividades que são dirigidas a esse grupo de pessoas potencializem o uso do tato e que a formação não seja baseada apenas na oralidade. No entanto, podemos verificar que trabalhos recentes no campo da sociologia e da história da arte insistem que o aproveitamento de qualquer tipo de informação tátil se torna mais eficaz quando se complementa com uma descrição verbal.

Descrever nunca é fácil, porque normalmente vemos um significado imediato em uma imagem bidimensional ou em um objeto tridimensional, e ao falar sobre estes assuntos estamos realizando uma série de traduções da imagem em palavras. Esta tradução possui inúmeras dificuldades, uma vez que a mesma imagem pode ter muitos significados, mas as palavras apenas transmitem aquilo que foi escolhido pela pessoa que realizou a descrição. (CANO, 2002, p. 44, tradução nossa²).

Além disso, continua a autora, temos a dificuldade em relação à bagagem cultural de quem está recebendo a informação, uma vez que a pessoa com deficiência visual pode ter pouca ou nenhuma experiência com objetos de arte e com conceitos e expressões ligados a leitura da obra de arte. A qualidade da descrição também depende dos conhecimentos de quem a faz, depende dos conhecimentos sobre a matéria e sobre a obra.

² Describir nunca es fácil, porque normalmente vemos un significado inmediato en una imagen bidimensional o en un objeto tridimensional, y al hablar sobre estos mismos sujetos realizamos una suerte de traducción de la imagen en palabras. Esta traducción no carece de dificultades, dado que la misma imagen puede tener muchos significados pero las palabras sólo transmiten el elegido por quien realiza la descripción.

The chain: grilhão, argola, corrente

Pincelados alguns aspectos da audiodescrição, voltamos às reflexões de Azevedo (2009). Esse autor nos apresenta sua experiência estética diante da obra *The Chain* de Chien Chi Chang que foi apresentada em 2002, na 25ª Bienal de São Paulo.

O trabalho de Chien Chi³, descrito por Azevedo (2009) consistia na exposição de 40 fotos em preto e branco, no formato 1,07 x 1,58 m. As fotos expunham uma série de pessoas orientais acorrentadas em duplas ou trios, vestindo quimonos muito simples, com os pés descalços ou com sandália de dedo, todas tinham as cabeças raspadas. Todos os personagens se encontram de pé de frente para o fotógrafo. As fotos foram tiradas de uma posição de baixo para cima, dando a impressão de que as pessoas eram maiores. A iluminação das fotos foi feita de frente, debaixo para cima e o fundo sempre escuro e o chão mais claro. Todas as imagens estavam posicionadas a 60 cm do chão, uma ao lado da outra.



Figura 1 - Chien-Cho-Chang. The chain. 2001. <https://www.lensculture.com/cchang>

Azevedo (2009) conta que a primeira leitura que fez dessas imagens lhe trouxe reminiscências de nosso passado escravocrata, do regime militar cruel, e a degradação do ser humano por outro. Levantando a interrogação: *É assim que o povo oriental trata seus loucos?*

Chien Chi Chang fotografou internos da Lung Fa Tang, uma instituição privada de pacientes psiquiátricos em Kaohsiung, Taiwan, entre 1993 e 1999. No entanto, a informação mais significativa para a leitura interpretativa da instalação foi saber como eram chamadas as correntes e com qual finalidade elas eram usadas nos pacientes: *correntes de sentimentos* que são usadas com um sentido terapêutico. (AZEVEDO, 2009, p. 342).

Em sua terceira visita à exposição, Azevedo (2009) encontra um folder explicativo sobre o contexto daquelas imagens que o faz ressignificar toda leitura de signos, símbolos,

³ Chien-Cho-Chang. The chain. 2001. <https://www.lensculture.com/cchang>

presentificando aquelas imagens. Isto é, da obra emerge algo novo, novos significados que faz com que perceba uma outra realidade. Os monges usavam aquelas correntes para criar vínculos entre os pacientes, vínculos de afeto, construindo uma relação com o outro, com o mundo.

Essas imagens, assim como para Fernando Azevedo, nos foram impactantes e ficaram registradas em nossa retina para sempre. Mas, apesar de saber que aquelas correntes procuram libertar, as imagens desconfortam, deslocam, desafiam. Como desafio, dentro do curso de audiodescrição que fizemos em 2011, apresentamos o trabalho de Chien Chi dentro da perspectiva de Azevedo (2009). O curso "Formação em Audiodescrição: Roteiro e Produção", foi desenvolvido pelo *Museus Acessíveis* em parceria com a *Fundação Dorina Nowill para Cegos*. Seu objetivo era formar profissionais para atuar e desenvolver audiodescrição em espetáculos, filmes, teatros, exposições de arte, propaganda e diversos meios de comunicação, tendo como foco final a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual. Seu público-alvo era composto por profissionais e estudantes das áreas de comunicação, tradução, educação, cultura, artes, museus, produção cultural e demais interessados. O curso foi composto por aulas teóricas e atividades práticas sobre as diferentes modalidades de audiodescrição e suas especificidades como: eventos presenciais, cinema, publicidade, produtos editoriais, exposições e outros. A coordenação e aulas prático-teóricas foram de Viviane Sarraf.

Foi apresentado um vídeo com audiodescrição. A música de fundo era Bachiana de Heitor Villa Lobos. O vídeo foi elaborado com o intento de seguir as descobertas de Azevedo na 25ª Bienal de São Paulo. Em um primeiro momento, apresentamos alguns pensamentos sobre a leitura de imagens e arte contemporânea encontradas no texto. A seguir apresentamos o primeiro olhar, o primeiro contato diante da obra de Chien Chi e esperamos provocar algumas questões e estranhamentos que surgem a partir do contato com a obra criando um diálogo entre o que se apresenta e aquele que escuta. Apresentamos o questionamento de Azevedo. Depois, foi proposto um olhar mais atento, percorrendo novamente o conjunto de fotos, descrevendo com maior cuidado o cenário e a posição de cada personagem assim como a posição do fotógrafo e do espectador diante da obra. Contextualizamos a obra seguindo o texto de Azevedo e fechamos o trabalho para que cada um pudesse elaborar as informações de acordo com a sua bagagem cultural, seu conhecimento do mundo e esperávamos criar questionamentos e novos modos de perceber aquelas imagens apresentadas.

Procuramos retratar o primeiro contato, e a diferença que vai se criando conforme nos aprofundamos e revemos a imagem que observamos e vamos associando às nossas

experiências no mundo. “No início não havia nada, exceto a própria pintura”. Manguel (2009, p. 27) chama a atenção para seu primeiro olhar sobre uma pintura de Van Gogh *Barcos na praia de Saintes-Maries*, que teve contato por uma reprodução em um livro apresentado por sua tia aos dez anos de idade. A imagem o atingiu e por razões subjetivas se tornou importante para ele. Não sabia nada sobre o artista, sobre o contexto da obra, sobre o lugar que foi pintado. Era um olhar que reconhecia algo. Salienta que aquilo que conseguimos ver depende de nossa experiência no mundo, vemos aquilo que nos é familiar, imagens que conseguimos identificar, coisas que reconhecemos. Manguel (2009) observa que quando lemos uma imagem outras informações que estão fora delas, mas que carregamos em nossa bagagem cultural vem à tona, fazendo que ela se expanda para além da moldura ou da sala de exposição. Citando Malraux, acredita que criamos “canto da metamorfose” por termos a oportunidade de contato com outras pinturas e esculturas, de outras culturas e de outros tempos. Para nós, a leitura de imagens está atrelada a outras imagens que nos chegam por diversos meios diariamente. Quando estamos diante de uma imagem de arte mil outras obras nos vêm à mente pelo que Malraux chamou de “museu imaginário”.

Construímos nossa narrativa por meios de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa. (MANGUEL, 2009, p. 28).

Considerações finais

A proposta de apresentar o trabalho de Chien Chi dentro da perspectiva de Azevedo era tentar responder algumas questões que nos assolam e que são muito parecidas com as questões apresentadas por Manguel (2009) como visto anteriormente neste texto. Seria possível por meio da transmutação das imagens em palavras, decodificar os signos que estão embutidos naquelas imagens? Seria possível desenvolver uma narrativa que abarcasse todo o universo daquelas imagens? Conseguiria instigar, deslocar, desafiar àquele que não foi propiciado a leitura direta da imagem visual? Cada um interpreta uma imagem de acordo com as suas vivências, experiências e conhecimento do mundo, então, ao descrever uma obra bidimensional, que não tem nenhum recurso tátil, quanto das minhas inquietações, questionamentos, surpresas e deslocamentos devem ser passados?

Ou não devo passar absolutamente nada e apenas relatar? Mas, quando estamos diante de uma obra de arte não trocamos modos de observar aquela obra? Não chamamos a atenção para algo que o outro não percebeu? Não existe uma triangulação entre a obra, o observador e o mediador? Como estar “entre muitos” não oferecendo respostas prontas, mas instigando, provocando, inquietando e contaminando de arte a alma do outro? Não sei se é possível algo como um sistema coerente para ler as imagens, similar àquele que criamos para ler a escrita (um sistema implícito no próprio código que estamos decifrando). Talvez, em contraste com um texto escrito no qual o significado dos signos deve ser estabelecido antes que eles possam ser gravados na argila, ou no papel, ou atrás de uma tela eletrônica, o código que nos habilita a ler uma imagem, conquanto impregnado por nossos conhecimentos anteriores, é criado imaginamos significados para o mundo à nossa volta, construindo audácia, a partir desses significados, um senso moral e ético para vivermos. (MANGUEL, 2009, pp. 32-33).

Estar diante de uma imagem, é estar diante de diferentes símbolos e significados. Não sei se conseguimos ler as imagens como lemos os escritos, assim como escutamos uma música, estamos criando imagens mentais que dificilmente conseguimos transpor para a escrita. A grande beleza das imagens é que elas nos habitam, nos ajudam a compreender o mundo e o outro. As imagens nos habitam e nos explicam.

Data de recebimento: 16.03.2021
Data de aceite 1º parecerista: 24.11.2021
Data de aceite 2º parecerista: 08.01.2

Referências bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Edusp, 1980. Introdução, p. xii.

AZEVEDO, Fernando A.G. de, **A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano**. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social**. In: BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CANO, Begoña Consuegra. **El acceso al patrimonio histórico de las personas ciegas y deficientes visuales**. Madrid: Organización Nacional de Ciegos Españoles (ONCE), 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

Grupo de Pesquisa em Mediação: contaminações e provocações estéticas – **Mediação Cultural entre Territórios de Arte&Cultura**, UNESP, 2011, p. 303.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Cia das Letras. 2004.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras. 2009.

MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SANT'ANNA, Laercio. **A Importância da Audiodescrição na Comunicação das Pessoas com Deficiência**. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Cap.II Materialidade e Imaginação Criativa Petrópolis, Vozes, 1989.

ARTIGO RELATO DE EXPERIÊNCIA**Efeitos da Arteterapia em um grupo de mulheres com Esclerose Múltipla durante um período de isolamento social pela COVID-19****Effects of Art Therapy in a group of women with Multiple Sclerosis during a period of social isolation by COVID-19**Teresa Kam Teng¹Margareth Mori Taylor Zampier²Alice Estevo Dias³

Resumo: Este artigo apresenta o relato de experiências em Arteterapia por meio de oficinas remotas aplicadas em grupos de mulheres com Esclerose Múltipla (EM) durante um período do isolamento social imposto pela COVID-19. O objetivo foi acolher e escutar os anseios e as expectativas dessas mulheres, promover momentos de troca, criatividade, reflexão e autoconhecimento. Os encontros aconteceram no período de quatro meses, via aplicativo WhatsApp, com frequência semanal e duração de 1 hora cada. Participaram 9 mulheres com EM distribuídas aleatoriamente em 3 grupos com 3 participantes. As oficinas abordaram temas e questões relacionadas ao enfrentamento e superação de adversidades, autoestima e resiliência. Os resultados mostraram que a Arteterapia contribuiu de forma eficaz para o autoconhecimento, o bem-estar e a qualidade de vida das mulheres participantes. Houve a necessidade de adequação das práticas arteterapêuticas habitualmente utilizadas, de modo a viabilizar as oficinas remotas. A partir dos resultados observados, este estudo demonstra o valor e a contribuição da Arteterapia em momentos críticos para o equilíbrio e bem estar de pessoas com EM, descortinando a possibilidade de oficinas remotas como prática arteterapêutica positiva.

Palavras-chave: Arteterapia; Esclerose Múltipla; COVID-19.

Abstract: This article presents the report of experiences in Art Therapy through remote workshops applied in groups of women with Multiple Sclerosis (MS) during a period of social

¹ Arteterapeuta (UNIP-SP), Especialização em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica (UNIP-SP), Terapeuta em Práticas Integrativas e Complementares, Associado AATESP (238/0512), Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7802061045269516>, E-mail: teresa.kamt@gmail.com

² Arteterapeuta (UNIP-SP), Assistente Social (PUC-SP), Terapeuta em Práticas Integrativas e Complementares, Associado AATESP (667/0720), E-mail: maggiezampieri@uol.com.br

³ Fonoaudióloga Doutora em Neurologia e Pós-Doc em Telemedicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Pesquisadora Científica de Arteterapia em Esclerose Múltipla da Associação Brasileira de Esclerose Múltipla (ABEM). doi: 10.1055/s-0038-1649502.

isolation imposed by COVID-19. The objective was to welcome and listen to the desires and expectations of these women, promoting moments of exchange, creativity, reflection and self-knowledge. The meetings took place over a period of four months, via the WhatsApp application, with a weekly frequency and duration of 1 hour each. 9 women with MS participated, randomly distributed in 3 groups with 3 participants. The workshops addressed themes and issues related to coping with and overcoming adversities, self esteem and resilience. The results showed that Art Therapy effectively contributed to the self-knowledge, well-being and quality of life of the participating women. There was a need to adapt the commonly used art-therapeutic practices, in order to make remote workshops viable. Based on the results observed, this study demonstrates the value and contribution of Art Therapy in critical moments for the balance and well-being of people with MS, revealing the possibility of remote workshops as a positive art therapy practice.

Keywords: Art Therapy; Multiple Sclerosis; COVID-19.

Introdução

A arte existe para que a realidade não nos destrua
Friedrich Nietzsche

Este artigo mostra a experiência de intervenções Arteterapêuticas em um grupo de mulheres com Esclerose Múltipla acompanhadas na Associação Brasileira de Esclerose Múltipla (ABEM), instituição que atende pessoas de todo o Brasil com a doença e também seus familiares e cuidadores.

Atendimentos multiprofissionais especializados ocorreram na modalidade presencial, na sede da ABEM, na capital de São Paulo, por 36 anos, até o início da adoção das medidas sanitárias de isolamento/distanciamento social, em meados de março/2020, para impedir o alastramento das infecções pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela COVID-19, uma doença infectocontagiosa que apresenta evolução variando entre quadro clínico assintomático e óbito.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020 que o surto da doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, a COVID-19, constitui uma emergência de saúde pública de importância internacional, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. (SÃO PAULO - SMS, 2020).

Na ocasião, levando em conta que a Esclerose Múltipla geralmente é tratada com medicamentos imunomoduladores e imunossupressores que podem alterar a resposta normal do organismo às infecções, o isolamento//distanciamento social tornou-se uma forte recomendação para evitar a infecção pelo SARS-CoV-2.

Assim, devido à pandemia, os atendimentos presenciais foram suspensos e emergiu a preocupação com o acolhimento das pessoas que estavam em processo de neuroreabilitação na ABEM.

Desse modo, durante reuniões clínico-científicas em equipe multiprofissional, houve a compreensão de que a Arteterapia poderia contribuir para as pessoas que apresentavam queixas de ansiedade, tristeza e carência pela falta de comunicação e de interação social, além de questionamentos decorrentes do medo, incerteza e imprevisibilidade frente à situação atípica e inédita vivenciada por conta da pandemia.

Grupos de Arteterapia foram criados com o propósito de suprir a demanda das pessoas que se encontravam em isolamento/distanciamento social desde o início da pandemia e oficinas remotas de Arteterapia passaram a ser realizadas a partir do uso do aplicativo WhatsApp, uma multiplataforma que inclui videochamadas gratuitas por meio de conexão com a internet.

Desse modo, as referidas oficinas objetivaram a manutenção das abordagens da Arteterapia durante um período do isolamento/distanciamento social na modalidade remota, em tempo real e de forma acessível para escuta e acolhimento dos anseios e expectativas das participantes, assim como para proporcionar momentos de interação, criatividade, reflexão e autoconhecimento.

Esclerose Múltipla

A Esclerose Múltipla é uma doença autoimune, crônica e incurável do sistema nervoso central que assume três formas principais: Remitente Recorrente, que é caracterizada por episódios de disfunção neurológica intercalada com períodos de estabilidade; Primária Progressiva, na qual a incapacidade neurológica progressiva ocorre desde o início e Progressiva Secundária, em que a deficiência neurológica progressiva ocorre durante o curso da doença (YAMOUT, ALGHANI, 2018).

A progressão da doença em pessoas com Esclerose Múltipla pode ser descrita pela Expanded Disability Status Scale (EDSS) de Kurtzke. A escala consiste em um sistema de classificação ordinal que varia de 0 (estado neurológico normal) a 10 (morte) em intervalos de 0,5 (MEYER-MOOCK et al, 2014).

De acordo com estudo global, atualmente, existem 2,8 milhões de pessoas com EM vivendo em todo o mundo e, no Brasil, são 40 mil pessoas acometidas pela doença (DIAS, OLIVAL, 2020).

As queixas mais frequentes das pessoas com Esclerose Múltipla são:

[...] redução da acuidade visual, uni ou bilateral; alteração do campo visual; visão dupla; tontura; desequilíbrio; dores; dificuldade para articular as palavras; dificuldade para engolir, engasgos; dificuldade para coordenar os movimentos; dificuldade para andar, quedas frequentes; fraqueza muscular; tremores; dormência, formigamento, queimação; enrijecimento muscular (espasticidade); dificuldade no controle da urina; constipação intestinal, perda de fezes; disfunções sexuais; fadiga (uma sensação inexplicável de cansaço constante, preguiça, lassidão; tanto física como mental); transtornos psíquicos e cognitivos. (RUSSO, 2011, p. 25).

Segundo PONCE (2011, p. 62) comprometimentos cognitivos como memória, velocidade no processamento da informação, fluência verbal e funções executivas não estão vinculados a um estágio específico da doença ou à incapacidade física e motora.

Diante da diversidade dos sintomas e complexidade da Esclerose Múltipla, se faz necessário um tratamento multidisciplinar para melhor suporte aos pacientes.

Arteterapia

Arteterapia é uma prática terapêutica transdisciplinar que abarca conhecimentos de diferentes áreas. Segundo Ciornai (2004, p. 7), “Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos”. Trata-se de uma área de atuação no qual o processo criativo contribui com a qualidade de vida das pessoas, possibilitando a reflexão sobre os processos vivenciados favorecendo, desta forma, o autoconhecimento e o desenvolvimento de recursos físicos, cognitivos e emocionais. (AMERICAN ASSOCIATION OF ART THERAPY apud CIORNAI, 2004).

O fazer artístico fomenta a criatividade, pois transforma o potencial criativo em ato criativo, ou seja, no fazer artístico aquilo que está latente em forma de potencial pode se tornar concreto e real por meio da atuação na matéria (OSTROWER, 2017).

Segundo Philippini (2011, p. 23), “o processo criativo, quando ativado de maneira adequada, restaura, resgata, recupera, reorganiza, redireciona e libera o fluxo de energia psíquica em prol do bem-estar e da expressividade de cada indivíduo”.

Desta forma, a Arteterapia possibilita a manifestação de conteúdos internos que antes não encontravam caminhos para sua expressão, tornando-se terapêutica por permitir a transformação de conteúdos internos, inconscientes, não compreendidos, em outros, conscientizados e ressignificados (URRUTIGARAY, 2011).

O trabalho em grupos de arteterapia disponibiliza o exercício constante de um novo olhar não apenas para consigo mesmo, mas também para com o outro, no sentido da promoção da empatia e do sentir-se pertinente (PAIN, 2009).

Todavia, diante da pandemia de COVID- 19, novas formas de abordagem se fizeram necessárias. “A Arteterapia, assim como as demais abordagens da saúde, acompanha as mudanças histórico-culturais e se utiliza de métodos contemporâneos para o aperfeiçoamento de seu trabalho” (LEITE, 2020, p.10).

Metodologia

Duas arteterapeutas conduziram oficinas que ocorreram entre agosto e dezembro/2020 através de videochamadas por WhatsApp, 1 vez por semana e com a duração de 1 hora cada.

Participaram do processo 9 mulheres com EM Remitente Recorrente (n=5/56%) e EM Secundária Progressiva (n=4/44%), idade entre 28 e 63 anos (Média = 45; DP = 13.65) e EDSS de 0 a 7. Elas foram convidadas pela equipe da ABEM e, após aceite em participar das oficinas, foram submetidas a uma anamnese individual e posteriormente divididas em 3 grupos contendo 3 participantes cada. Neste trabalho, elas foram denominadas como P1, P2 ... a P9.

Os primeiros encontros foram destinados à apresentação da proposta, estabelecimento do vínculo e acolhimento das participantes. Também foram definidos os combinados entre o grupo, tais como: espaço reservado e protegido para o horário dos encontros com bom acesso à internet, um caderno de anotações para o registro das reflexões e lista de materiais básicos para as atividades expressivas.

Cada encontro foi dividido em três partes:

1ª: Apresentação e discussão da temática, seguida de orientação e sensibilização para desenvolvimento da atividade prática expressiva.

2ª: Confeção da atividade prática e escrita criativa a partir de percepções e sentimentos aflorados durante a execução da atividade.

3ª: Compartilhamento com o grupo.

A temática das oficinas procurou atender as demandas apresentadas pelas pacientes na anamnese como: acolhimento, contato e relacionamento com outras pessoas, preencher e ocupar o tempo de maneira criativa, estímulo à memória, esclarecimento e entendimento em relação à Esclerose Múltipla, melhorar a autoconfiança, ampliar o olhar e promover o autoconhecimento.

Nos encontros foram utilizados contos como forma de sensibilização para facilitar o acesso ao mundo interior e posterior reflexão. Conforme Bernardo (2010, p.20): “Um conto ou um mito, narrado ou utilizado como guia para o trabalho arteterapêutico no momento certo com a pessoa certa, tem o poder de abrir a escuta ao chamado da alma e de suas necessidades atuais”.

Como exercício para estimular a memória, no início de cada encontro era solicitado às participantes que compartilhassem como elas estavam se sentindo e como foi a semana para elas. Depois elas deveriam sintetizar a oficina anterior, trazendo comentários e recontar coletivamente trechos já trabalhados da história.

Na última oficina foi o momento de rever todas as atividades e refletir sobre o processo arteterapêutico vivenciado.

Segue o destaque de algumas oficinas para ilustrar o processo arteterapêutico:

Nos primeiros encontros para promover o acolhimento e o estabelecimento do vínculo entre as participantes foram propostos, dentre outros, o Crachá, o Bastão que Fala e o conto ou história favorita.

O Crachá (BERNARDO, 2008) foi proposto para elas se apresentarem por meio de imagens de revistas. A colagem é um recurso que favorece o relacionamento intergrupar e ajuda a dar confiança para o indivíduo se expressar mais livremente (URRUTIGARAY, 2011).



Figuras 1 e 2: Crachá

O “Bastão que Fala” (BERNARDO, 2008) foi proposto para estabelecer a comunicação orgânica e respeitosa no grupo. A confecção do bastão foi muito útil nos encontros posteriores, pois sempre que queriam falar ou comentar algo, elas levantavam o seu bastão aguardando o término da fala da colega para se colocarem. A autora ensina que na cultura indígena quem está com o bastão está com o poder da fala, devendo falar a sua verdade com o coração e os demais integrantes devem ficar em silêncio e ouvir também com o coração, sem julgamentos ou críticas.



Figura 3: Bastão que Fala

A participante P5 apresentava muita necessidade de falar, interrompia constantemente as colegas e monopolizava as oficinas trazendo assuntos aleatórios fora do contexto. Com o uso do Bastão, ela se percebeu e melhorou a sua conduta diante do grupo.

Ainda para conhecê-las melhor, foi solicitado a elas que trouxessem o seu conto, filme ou história favorita da infância. A participante P4 disse que não tinha um conto favorito, entretanto trouxe a Galinha Pintadinha, personagem favorito das netas. Foi interessante perceber que poucas participantes trouxeram o seu conto de infância, a maioria trouxe um filme ou história que marcou a adolescência. De acordo com Hans Dieckmann (1986), costumeiramente os contos ficam esquecidos, entretanto, lá no inconsciente eles estão bem vivos. Posteriormente elas desenharam o seu personagem favorito e refletiram sobre o que tinham em comum com ele, pois “o conto oferece um modelo para a vida, um modelo vivificador e encorajador que permanece no inconsciente contendo todas as possibilidades positivas da vida”. (FRANZ, 1981, p.74).



Figuras 4 e 5: Personagem favorito

A história do Mito da Caverna de Platão (MARCONDES, 2000) foi apresentada às participantes com o objetivo de refletir sobre a temática do medo. Na discussão sobre o texto o medo foi relacionado à falta de conhecimento. Elas refletiram sobre a importância de rever os valores e condicionamentos que são recebidos sem questionamentos e também sobre a necessidade da autocrítica em relação aos fatos. A maioria das participantes

lembrou-se desse sentimento relacionando-o ao momento do diagnóstico da Esclerose Múltipla.

A participante P3 comentou: “Existem muitas pessoas no escuro, mas elas querem ficar no escuro. E até que ponto devemos intervir? Elas precisam ter a oportunidade de saber que tem o sol lá fora. Minimamente saber! E daí a pessoa pode ter o livre arbítrio. Conhecimento é bom, mas é só conhecimento. Precisamos dar oportunidade para mostrar a existência do sol” (sic).

A atividade expressiva foi fazer uma instalação 3D de uma caverna com materiais e objetos disponíveis em casa. Segundo Philippini (2018), a instalação é uma técnica de construção que se utiliza de materiais diversos delimitados em uma área com um contexto simbólico. Suas propriedades terapêuticas são: “estruturar, reunir, integrar, compor, coordenar, equilibrar, edificar, construir, reconstruir e agregar” (p. 95).



Figuras 6 e 7: Caverna

A participante P4 comentou: “Se você estiver presa desde pequena, você não tem condições de crescer. Tem que querer ir atrás do conhecimento. Nada vem na mão da gente. É o livre arbítrio. Deus sempre diz Sim. Ele dá força para você ir até lá, e fazer. Meu médico não quis dar o meu diagnóstico de EM.... Quando a gente aceita de primeira (referindo-se ao diagnóstico), não tem muitos prejuízos, é tranquilo. Peço a Deus determinação. (...) Tem que pegar o que serve pra gente, e o que não serve a gente joga fora” (sic).

Ainda sobre a temática do medo, foi proposto a elas assistir ao filme “Como treinar o seu Dragão” (SANDERS; DEBLOIS, 2010) para refletir sobre os medos que nos protegem e os medos que nos paralisam, a importância de confrontá-los e a possibilidade de transformá-los em aliados.

As participantes trouxeram vários tipos de medo: de ficar doente, de morrer, de falar em público, de altura, de água, de voar, de sangue, de escuro e de lugar fechado. A atividade expressiva foi confeccionar o seu “Dragão Amigo”. A participante P3 disse: “O medo é adaptativo. Na evolução você tem que, em algumas vezes, transformá-lo a seu

favor e ter o medo como aliado, porque se você tiver consciência, você vai buscar uma estratégia” (sic).



Figuras 8, 9 e 10: Dragão Amigo

O conto “A Vasalisa” de Estés” (2014) foi escolhido para promover foco, paciência, flexibilidade, criatividade, autopercepção e memória; bem como trabalhar a resiliência e a importância de darmos voz à nossa intuição, nosso “Eu Interior”.

Uma das atividades realizadas foi a confecção da Boneca Vasalisa, feita de tecidos, fitas e fios. Bernardo (2008) nos fala que a confecção da boneca com retalhos de tecido promove o autoamor e possibilita “curar a nossa criança interior ferida” (p.50). A participante P4 disse ter feito a sua “Vasalisa” conforme a sua personalidade. “Ela tem os braços bem compridos porque adoro abraçar todo mundo... Como faltou material, parece que ela ficou com uma perna só, mas aí eu pensei que todo mundo tem uma deficiência, né? Tentei fazer um rosto meigo, mas como tudo na vida, às vezes não dá certo, e aí ao menos eu agradei por ser mais bonita que ela” (sic).



Figuras 11, 12 e 13: Boneca Vasalisa

Outra oficina realizada com o conto supracitado foi a confecção de uma luminária com a utilização de pote de vidro reciclado e vela. Segundo Bernardo (2008), atividades com o elemento fogo, favorecem a clareza de consciência, a autoconfiança, o foco e a criatividade. Surgiram questões voltadas à necessidade de controle, à dificuldade de aliar a imaginação com a realidade, a teoria com a prática e o racional com o emocional. A participante P1 fez a seguinte observação: “A gente pensa uma coisa e no final sai diferente

do que você pensa, então devemos nos permitir fazer o que dá, e tudo bem se sair diferente. Não se pode ter medo de errar e desfazer” (sic). Em ato contínuo ela compartilhou um novo olhar sobre uma questão familiar que a incomodava.



Figuras 14, 15 e 16: Luminária

Também foi trabalhado o conto “Pele de Foca, Pele da Alma” (ESTÉS, 2014), com o objetivo de refletir sobre o autocuidado e a autoestima; a importância de reconhecer os próprios limites e necessidades; reconhecer e nutrir a nossa criança interior; favorecer a criatividade e a memória.

Em uma das oficinas, como atividade foi confeccionado um colar “talismã”. Segundo Bernardo (2011), a confecção de bijuterias e acessórios “é especialmente interessante para se trabalhar a autoestima e autovalorização, o direcionamento do olhar para as possibilidades de extrair da vida doçura e encantamento...” (p. 60). A participante P2 disse: “Gostaria de fazer um colar, mas como não tenho mais destreza, resolvi desenhar para aproveitar o que ainda consigo fazer (...). No fazer veio a feminilidade, a beleza e a pureza. Eu teria um contentamento pessoal caso tivesse essa “joia talismã”. Eu teria muito prazer em usá-la. Ela me trará uma recordação inesquecível porque eu sou uma sobrevivente da pandemia. Eu consegui.” (sic). Esta participante em razão de sua condição física, emocional e cognitiva, além da dificuldade na aquisição dos materiais, disse sentir-se mais à vontade em realizar suas atividades expressivas através de desenhos. Segundo Urrutigaray (2011, p. 55) “A própria apreciação do sujeito (...) e a constatação de suas destrezas motoras e cognitivas diante das tarefas realizadas o capacitam internamente na promoção e valorização de sua estima.”

Já a participante P3 disse que encontrar o material para fazer o colar foi um desafio, e comentou: “Na vida tudo é um desafio. Ficar em pé é um desafio.”(sic). Complementou que o seu colar servirá para lembrá-la de coisas que lhe dão paz, tranquilidade e prazer.



Figuras 17, 18 e 19: Colar talismã

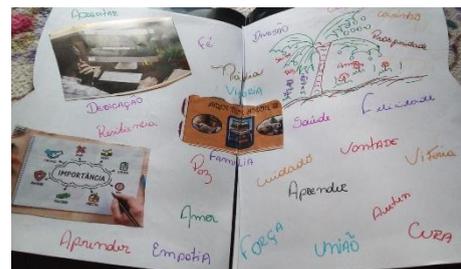
Em outra oficina relacionada ao conto “Pele de Foca, Pele da Alma” (ESTÉS, 2014), foi solicitado a elas que confeccionassem uma mandala que representasse os seus limites. As participantes trouxeram a questão da autocobrança e perceberam que rotineiramente ultrapassam os próprios limites. A participante P1 disse: “Extrapolo os meus limites, até fisicamente (...). Quis trazer esperança na minha mandala e coloquei as flores cor de rosa porque sei que tenho que estabelecer limites, mas sei que tem que ser com cuidado e empatia” (sic). Para Bernardo (2008), a mandala atua como um instrumento de conexão do inconsciente/consciente, e facilitador na promoção do autoconhecimento.



Figuras 20, 21 e 22: Mandala dos Limites

Vislumbrando o término das atividades arteterapêuticas e a aproximação de um novo ano, a “Janela dos Sonhos” foi proposta. De acordo com Bernardo (2008, p. 141), esta é “uma atividade que pode proporcionar a ampliação da visão sobre novas possibilidades, trazendo os sonhos para dialogar com a realidade, aproximando essas duas dimensões (o real e o imaginário).” Desta forma o objetivo foi resgatar os sonhos, a esperança e motivação para realizá-los. Sobre a atividade, a participante P1 relatou o desejo de ver na “janela de 2021”, um ano igual ou melhor que 2019. “Quero a minha vida de volta. Igual, sei que nunca mais vai ser. Aprendemos a nos cuidar. As coisas boas vão ficar para sempre e as ruins temos que deixar pra trás” (sic). A participante P8 utilizou-se do verso da folha de sua ressonância magnética para fazer a sua “janela”, e trouxe o seguinte comentário: “A

gente tem um diagnóstico difícil, mas tem que motivar, por isso escrevi várias falas de motivação (...) Sempre tive que lidar com várias pessoas e neste ano tive que aprender a lidar comigo mesma (...). Eu ressignifiquei a minha ressonância magnética. Quis usar algo e mostrar que se pode tirar lições da doença. Estou construindo o hoje com alegria. Vou cuidar mais de mim. A empresa (onde trabalhava) ficou lá e as pessoas são substituíveis. Estou pronta para reinventar a doença. Estava perdendo a questão dos sonhos, mas a gente tem que continuar”(sic).



Figuras 23 e 24: Janela dos Sonhos

Na última oficina, para fechar as atividades, foi solicitado às participantes uma reflexão sobre todo o processo arteterapêutico vivenciado conforme os seguintes questionamentos:

1. Olhe para todas as atividades realizadas e reflita sobre como foi participar das oficinas de Arteterapia remota.

Participantes	Respostas
P1	A conversa foi boa. Teve o lado social. A gente conversou e brincou.
P2	Gostei MUITO, mesmo! Descobri faz pouco tempo que tenho um problema a mais (referindo-se à visão) e a Arteterapia me ajudou muito. Aprendi que consigo desenhar, coisa que eu não sabia. Comprei até lápis, borracha, malinha; para o desenho. É realmente uma terapia. Vem junto uma criatividade que a gente não sabia onde estava. Desconhecia.
P3	Gostei, mas achei difícil de fazer. Textos não fazem meu estilo, mas os pontos levantados foram bem interessantes. Tive dificuldade no mosaico e na amarração da boneca porque tenho dificuldade com a coordenação motora fina. Tenho dificuldade em fazer arte porque só sei seguir receita. Não estou acostumada a criar.
P4	Não sou de leitura, nem de televisão, mas gostei de ler as histórias. Depois dos textos colocar na prática foi muito bom.
P5	Aprendi mais a ver a vez dos outros. Aprendi que não sou mais criança.
P6	Percebi que fui ficando mais criativa. Eu não era criativa e fiquei extremamente criativa. Ganhei paciência. Eu falava muito e agora eu sou mais ponderada. Deixo todo mundo falar. Aprendi a acatar decisões. Nunca fui de ter rotina, mas agora com a Arteterapia estou tentando e aprendendo a criar rotinas.

P7	Nunca tinha tido contato com terapia ou Arteterapia. Estou gostando de conversar. Encontrei sonoridade. São pessoas com o mesmo diagnóstico.
P8	Não conhecia a Arteterapia e vi que é uma ferramenta importante a nível de terapia e desenvolvimento. Temos um grande nível de ansiedade e temos que ser gratos por ter um time (Abem) nos acompanhando.
P9	Eu me senti muito acolhida. Gosto de conversar e creio que achei o lugar certo (ABEM). Achei maravilhoso porque não tenho isso. Só tenho uma irmã, não tenho ninguém. Estou superando certas coisas.

2. Reflita sobre todos os aprendizados que você teve neste ano e quais você poderá compartilhar com as outras pessoas.

Participantes	Respostas
P1	Ter mais tolerância, respeito, amizade e dar valor às coisas.
P2	Fazer as coisas com o que se tem. Valorizar a vida, valorizar a convivência e valorizar mais ainda a família. A Arteterapia faz com que eu tenha mais objetivos
P3	Respeito, resiliência, amizade, cuidado, paciência e reflexão.
P4	A melhor coisa é a família da gente. A importância do carinho (filhos e netos), a importância de um abraço. Abraço é mais importante que o beijo e que as palavras. Abraço é energia.
P5	Conhecimento, tolerância, vontade de ajudar mais ao próximo com os Óleos Essenciais. Valorizar mais a natureza.
P6	Paciência. Ser mais calma mudou minha vida e a forma de ver a vida. Criatividade. Empoderamento. Agora sou eu que faço o meu quarto.
P7	Ver as coisas com mais calma. Ser mais paciente porque sempre fui muito ativa. Valorizar mais a família. Olhar e ajudar mais ao outro. (Este ano fiquei triste porque sempre ajudei e neste ano eu não consegui).
P8	Empatia, colocar-se no lugar do outro. Ver as diferenças. Cada um é diferente do outro com suas vitórias, derrotas e características. Saber escutar. A palavra do ano é resiliência.
P9	Mais amor, eu me colocar no lugar do outro, compreender quem está ao seu lado. Empatia. Ajudar mais e sempre. Compartilhar tudo (receitas, trabalho, etc).

3. Sintetize em apenas uma palavra como foi a Arteterapia remota para você.

Participantes	Respostas
P1	Delicioso
P2	Relaxamento/Prazer gigante
P3	Desafio.
P4	Prazer.
P5	Gratidão.
P6	Gratidão.
P7	Saúde.

P8	Paz.
P9	Amor.

Discussão

A proposta da Arteterapia remota para mulheres com Esclerose Múltipla se mostrou promissora. Levando-se em conta o momento de pandemia e a carência do contato social que poderiam afetar negativamente o estado emocional das pacientes, este trabalho buscou oferecer a elas um espaço arteterapêutico propício à criatividade e ao autoconhecimento multidimensional, albergando a saúde emocional, espiritual, física e mental.

As oficinas envolveram atividades e processos criativos facilitadores do desenvolvimento de habilidades emocionais, cognitivas, motoras e interpessoais. Essas abordagens aparentemente atuaram na redução de solidão, ansiedade, tristeza e carência, bem como favoreceram a (re)descoberta de habilidades artísticas e criativas, além de potencializar a comunicação e o convívio social. Segundo Ciasca et al (2018) a intervenção de Arteterapia pode melhorar os sintomas de depressão e ansiedade em mulheres.

Em relação aos materiais expressivos propostos nas oficinas houve flexibilização dos mesmos, visando ao objetivo maior dos encontros, ou seja, a escuta, o acolhimento e a interação entre as pessoas.

Cabe salientar que nos atendimentos presenciais na ABEM, os pacientes ao adentrarem no espaço arteterapêutico já encontravam disponibilizados todo o material para a atividade expressiva, além de receberem auxílio no fazer de suas atividades, quando necessário. Com o atendimento remoto obteve-se a percepção de uma maior autonomia no fazer e na busca dos materiais, bem como na descoberta de novas possibilidades para adequar objetos do cotidiano como recursos expressivos para a proposta. Algumas vezes as participantes contaram com a ajuda e o apoio dos familiares, seja para obter o material necessário ou para a execução da atividade devido à falta de destreza ou dificuldade com a coordenação motora.

Os efeitos terapêuticos positivos observados neste estudo foram relacionados ao processo de produzir arte enquanto atividade e tratamento, além das interações que compreenderam a relação terapeuta-participante, participante-participante e participante-materiais (objetos, imagens, histórias).

Por fim, as oficinas de Arteterapia promoveram estímulos sensoriais e cognitivos, favorecendo o equilíbrio emocional e o bem-estar, aspectos considerados importantes para o tratamento da Esclerose Múltipla. De acordo com Barbosa et al. (2004, p. 182). “Vários

relatos da literatura sugerem que situações estressantes poderiam estar relacionadas a surtos de Esclerose Múltipla”.

Considerações Finais

A Arteterapia remota em grupos para mulheres com Esclerose Múltipla foi uma experiência inovadora e mostrou-se viável para aqueles que se dispuseram a romper de forma segura a barreira da medida sanitária de isolamento/distanciamento, transformando o distanciamento físico em aproximação social.

Juntos, profissionais arteterapeutas e participantes caminharam e tiveram que aprender novas tecnologias, buscar novas soluções, flexibilidade e criatividade. Muitas vezes o acolhimento, a escuta e a empatia foram prioridades, entretanto, foi possível também perceber os benefícios proporcionados às participantes pela atividade arteterapêutica, que trouxe entre outros, momentos de relaxamento, reflexão, criatividade, amizade, resiliência e percepção de si, contribuindo para o autoconhecimento, bem-estar psicológico e qualidade de vida.

Desta forma, pontua-se a necessidade dos profissionais estarem abertos às novas formas de intervenção, flexibilizando-se diante de imprevistos e atentos às demandas apresentadas, sem perder o foco no objetivo principal do seu trabalho.

Data de recebimento: 13.04.2021

Data de aceite 1º parecerista: 15.10.2021

Data de aceite 2º parecerista: 03.11.2021

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.C.C.; AMARAL, L.O.; COELHO, V.S; FRAGOSO, Y.D. O estresse como possível fator desencadeante de surtos de Esclerose Múltipla de acordo com 48 pacientes **Revista neurociências** v.12 N4 - p. 182 - Out/Dez 2004

BERNARDO, P. P. **A Prática da Arteterapia - Correlações entre temas e recursos**, vol. I: Temas centrais em Arteterapia. São Paulo: edição do autor, 2008. 160 p.

_____ **A Prática da Arteterapia- Correlações entre temas e recursos.** Vol. III. Mitologia Africana e Arteterapia. São Paulo: Ed. Do Autor, 2010, 177p.

_____ **A Prática da Arteterapia- Correlações entre temas e recursos.** Vol. VI. Amor, Sexualidade, o Sagrado e a Arteterapia: Aproximações mitológicas entre Oriente e Ocidente. São Paulo: Ed. Do Autor, 2011, 223p.

CIASCA, E.C.; FERREIRA, R.C.; SANTANA, C.L.A.; FORLENZA, O.V.; DOS SANTOS, G.D.; BRUM, O.S.; NUNES, P.V. **Art therapy as an adjuvant treatment for depression in elderly women: A randomized controlled trial.** Braz J Psychiatry 2018;40(3):256-63. doi: 10.1590/1516-4446-2017-2250.

CIORNAI, S. (org). **Percursos em Arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. 273p.

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO I. Direção: Cris Sanders e Dean DeBlois. Produção: Bonnie Arnold. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2010. 1 DVD.

COVID19 **Secretaria Municipal da Saúde** (SMS) da cidade de São Paulo. Disponível:(https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/doencas_e_agrivos/index.php?p=291766) Acesso em 10/02/2021 às 14h:30

DIAS, A.E.; OLIVAL, G.S. **The Atlas of Multiple Sclerosis – Counting & mapping MS around the world.** The 3rd edition. Last updated: 19th January 2021. Disponível em: <https://www.msif.org/news/2020/09/11/the-atlas-of-ms-is-live/>. Acesso em 31/3/2021 às 11h:52

DIECKMANN, H. **Contos de fadas vividos.** São Paulo: Paulinas, 1986. 166p.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 575p.

FRANS, M.L. von **A interpretação dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. 216p.

LEITE, M.C.B.S. Fototerapia – um processo arteterapêutico pelo mundo das imagens. **Revista de Arteterapia da AATESP** 2020;11(1):10-31.98p.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein**. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 184p.

MEYER-MOOCK, S.; MAEURER, M.; DIPPEL, F.W.; KOHLMANN, T. **Systematic literature review and validity evaluation of the Expanded Disability Status Scale (EDSS) and the Multiple Sclerosis Functional Composite (MSFC) in patients with multiple sclerosis**. BMC Neurol 2014;25:14-58. doi: 10.1186/1471-2377-14-58.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2017. 192p.

PAÍN, S. **Os Fundamentos da Arteterapia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 239p.

PONCE C.S.C. Neuropsicologia e Déficit Cognitivo. Em **Esclerose Múltipla: O caminho do conhecimento entre pedras e flores**. São Paulo: Atha Comunicação e Editora: ABEM - Associação Brasileira de Esclerose Múltipla, 2011. 56-77p

PHILIPPINI, Angela. **Grupos em Arteterapia: redes criativas para colorir vida**. Rio de Janeiro: Wak, 2011. 158p.

_____ **Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: uso, indicações e propriedades**. Rio de Janeiro: Wak, 2018. 143p.

RUSSO L. Aspectos Neurológicos da Esclerose Múltipla. Em **Esclerose Múltipla: O caminho do conhecimento entre pedras e flores**. São Paulo: Atha Comunicação e Editora: ABEM - Associação Brasileira de Esclerose Múltipla, 2011. 16-33 p

URRUTIGARY, M.C. **Arteterapia - A Transformação pessoal pelas Imagens**. Rio de Janeiro: Wak, 2011. 163p.

YAMOUT, B.I.; ALROGHANI, R. **Multiple Sclerosis**. Semin Neurol 2018;38(2):212-25. doi: 10.1055/s-0038-1649502.

ARTIGO RELATO DE EXPERIÊNCIA**Benefícios do acompanhamento arteterapêutico na ideação suicida: análise de um caso clínico****Benefits of art therapy monitoring in suicidal ideation: analysis of a clinical case**Natália de Figueiredo Machala Domingueti¹Karen Rosângela Silva de Souza Saviotti²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar o benefício do acompanhamento arteterapêutico na ideação suicida através da metodologia relato de caso clínico. O processo envolveu sessões arteterapêuticas com uma adolescente, no período de um ano e seis meses, utilizando-se da expressão artística através do desenho, pintura, colagem, mosaico e argila como ferramentas de expressão no setting. Foram explanadas nove sessões e suas respectivas expressões artísticas realizadas para contextualização da temática, detalhadas no tópico análise de um caso clínico. Ao longo do processo arteterapêutico foi possível observar a redução da ideação suicida e melhora da autoestima.

Palavras-chave: Ideação suicida; Suicídio; Adolescente; Arteterapia; Terapia pela arte.

Abstract: This article aims to present the benefit of artetherapeutic monitoring in suicidal ideation through the methodology of clinical case report. The process involved art-therapeutic sessions with a teenager, over a period of one year and six months, using artistic expression through drawing, painting, collage, mosaic and clay as tools of expression in the setting. Nine sessions and their respective artistic expressions were explained to contextualize the theme, detailed in the topic analysis of a clinical case. Throughout the artetherapeutic process, it was possible to observe a reduction in suicidal ideation and an improvement in self-esteem.

Keywords: Suicidal ideation; Suicide; Adolescent; Art therapy; Therapy through Art.

Abstracto: Este artículo tiene como objetivo presentar el beneficio de la monitorización arte terapéutica en la ideación suicida a través de la metodología de reporte de caso clínico. El proceso involucró sesiones arte-terapéuticas con un adolescente, durante un período de un año y seis meses, utilizando la expresión artística a través del dibujo, la pintura, el collage,

¹ Arteterapeuta Amart 199 /1219 Ubaat, Psicóloga clínica e social CRP-04/53633, Mestranda em Arteterapia Transdisciplinar Instituto IASE (Espanha). Contato: nataviapsi@gmail.com

² Psicóloga, Arteterapeuta, Neuropsicóloga, Mestre em Ciências da Saúde (UNIFESP), Doutoranda em Neurociências (UFMG). Docente da Universidade FUMEC e Docente em diversas Pós Graduações em Arteterapia. Contato: karen@integrarte.com.br

el mosaico y la arcilla como herramientas de expresión en el escenario. Se explicaron nueve sesiones y sus respectivas expresiones artísticas para contextualizar el tema, detallado en el análisis temático de un caso clínico. A lo largo del proceso arte terapéutico se pudo observar una reducción de la ideación suicida y una mejora de la autoestima.

Palabras clave: Ideación suicida; Suicidio; Adolescente; Arte terapia; Terapia por el Arte.

Introdução

A adolescência é um período de estruturação da identidade, de passagem para a vida adulta, em que as escolhas relativas à profissão, às demandas sociais e afetivas podem ocasionar aumento dos níveis de angústia e ansiedade levando a problemas emocionais.

A ideação suicida pode relacionar-se a fatores como tristeza, depressão, problemas de relacionamento com os pais, uso de álcool e drogas, violência, histórico de suicídio na família, ausência de apoio social, baixa autoestima.

Segundo dados da OMS (2021):

Cerca de 800 mil pessoas morrem por suicídio todos os anos. Para cada suicídio há muito mais pessoas que tentam o suicídio a cada ano. A tentativa prévia é o fator de risco mais importante para o suicídio na população em geral. É a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos. 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda. Ingestão de pesticidas, enforcamento e armas de fogo estão entre os métodos mais comuns de suicídio em nível global.

Atualmente (2021), o índice de ideação suicida encontra-se maior que em outros anos por consequência da pandemia de COVID-19. Na adolescência é um dos mais sérios problemas de saúde pública no mundo, liderando as principais causas de morte nesta fase da vida (WHA, 2019).

De acordo com Greff et al. (2020) a influência da pandemia de COVID-19 na saúde mental pode indicar desde reações normais e previstas de estresse, devido às mudanças de rotina, até sofrimento psíquico intenso. Estatísticas apontam o crescimento dos casos de tentativas e suicídios após acontecimentos extremos, o que alerta à essencial execução de estratégias de prevenção, acompanhamento e posvenção.

Em 2014, pela Portaria nº 1.271, o Ministério da Saúde incluiu a tentativa de suicídio (violência autoprovocada) na lista de notificação imediata em até 24 horas pelo município, a partir do conhecimento do ocorrido (BRASIL, 2014).

A notificação imediata da tentativa de suicídio objetiva valorizar o acompanhamento do caso, garantindo o acolhimento e o fornecimento de cuidados necessários e adoção de medidas terapêuticas adequadas (BRASIL, 2017a).

O Ministério da Saúde lançou em 2017 a “Agenda de ações estratégicas para a vigilância e prevenção do suicídio e promoção da saúde no Brasil: 2017 a 2020” (BRASIL, 2017b, p. 7).

Essas ações estratégicas foram organizadas em três eixos: "Vigilância e qualificação da informação; Prevenção do suicídio e promoção da saúde; e Gestão e cuidado" (BRASIL, 2017b, p. 13).

Nota-se a importância de ações estratégicas envolvendo o bem-estar físico, mental e social. Aspecto que corrobora para o estudo e entendimento do fenômeno da ideação suicida.

O suicídio é considerado um fenômeno individual que envolve a dimensão social. Ribeiro e Moreira (2018) consideram o suicídio desde o ato mais individual do ser humano como também resultado da pressão social.

Segundo Castro, Cunha e Souza (2011), apud Moreira e Bastos (2015) o suicídio entre adolescentes jovens é ainda pouco investigado. Os autores classificam a etiologia deste como complexa e a relacionam a fatores biológicos, psicológicos e ao contexto socioeconômico.

Na perspectiva de Knobel (1992), a complexidade etiológica na adolescência é intensificada ao definir este período, salientando o luto da fase infantil. Para ela, na adolescência a estabilidade da personalidade só é possível quando se supera o luto pela perda da identidade infantil.

Diante desta complexidade enfrentada, a capacidade de resiliência e sua relevância na superação das adversidades e crescimento pessoal é apontada como uma característica pertinente a um desenvolvimento saudável na adolescência.

Silva e Marcolan (2019) expõem que o enfrentamento de situações de adversidade geram estresse e provocam grande impacto na saúde psíquica. Nesse sentido, a resiliência conceitua-se como a capacidade do indivíduo em superar tais ocorrências e desenvolver habilidades positivas. Esse processo gera superação e crescimento individual.

A Arteterapia como agente facilitador de expressão e ressignificação, pode, neste período de mudanças e complexidades da adolescência, amplificar as possibilidades de promoção de saúde, resiliência e bem estar nos jovens acometidos da ideação suicida.

O presente trabalho apresenta o percurso de um processo arteterapêutico na demanda de ideação suicida e sua dimensão social, têm como objetivo apresentar o

benefício do acompanhamento arteterapêutico na ideação suicida através da metodologia relato de caso clínico.

Ideação suicida e Arteterapia

Em termos de definição do construto ideação suicida, cabe mencionar que se refere ao pensamento ou ideia suicida. Engloba desejos, atitudes ou planos que o indivíduo tenha de se matar. (BORGES; WERLANG, 2006, p. 346)

Antecede o ato de auto extermínio, fazendo-se necessário a identificação precoce desses pensamentos e entendimento do seu surgimento, o que possibilita acolher o jovem e defendê-lo de chegar à consumação das demais etapas que seguem à ideação suicida. Etapas estas que são expostas por Werlang, Borges e Fensterseifer (2005) como "categorias distintas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado" (p.260).

Afirmam Borges e Werlang (2006) que as investigações têm possibilitado verificar que os comprometimentos psicológicos como a depressão têm um peso primordial associado ao suicídio, seja como diagnóstico e/ou como sintoma. As pessoas com doença ou sintoma depressivo expressam frequentemente o desejo de morrer. Ademais, o suicídio pode se tornar solução única para expectativas negativas frente ao futuro.

O desejo de morrer pode caracterizar a insatisfação e inconformidade do adolescente com seu modo de vida, falta de perspectiva futura e possível influência da dimensão social no seu bem estar psicológico e emocional.

A arteterapia pode favorecer na mudança de atitude do adolescente perante a este desejo de morte e em face ao seu entorno, através do estímulo à criação, à imaginação, à materialização de ideias, o que conseqüentemente suscita mudanças na sua relação de perspectiva com o futuro.

Demonstra Santana (2004) que tanto na arte como nos processos terapêuticos se manifesta a habilidade humana de perceber, dimensionar, redimensionar as relações e possibilita uma ampla experiência de autonomia para experimentar o novo.

Harnden, Rosales e Greenfield (2004) apresentam investigações científicas em arteterapia com adolescentes, que corroboram com o estudo abordado. Em seu trabalho estes autores expõem, através de uma revisão de literatura trabalhos que, por meio da arteterapia, foi proporcionado aos adolescentes a melhora da auto-estima dentre outros ganhos.

Destas investigações, Tibbetts e Stone (1990) afirmam que o uso da arteterapia individual mostrou-se eficaz em seus estudos com adolescentes que apresentaram a

depressão com sintomatologia principal, e também satisfatória na redução da gravidade dos sentimentos de rejeição e ansiedade.

O que auxilia na condução de casos em que há a ideação suicida, possivelmente acompanhados de sintomatologia depressiva, sentimentos de ansiedade e/ou rejeição.

Em relação a Arteterapia e ideação suicida é factível a arte expressa em um acompanhamento arteterapêutico que apoia a pessoa na expressão de uma dor que a arrebatava, que a leva querer dar fim à própria existência.

Na expressão artística abrem-se possibilidades de ressignificação desta dor através do diálogo estabelecido entre a obra realizada e a vida do paciente, da chance de revisitar a expressão com aprofundamento nos insights advindos, de compreendê-la e reelaborá-la em abertura a novos caminhos.

Sobre o processo Arteterapêutico focaliza Philippini (1998) que é um percurso marcado por símbolos que informam sobre os estágios da jornada de individuação de cada um, integrando talentos, feridas e faltas psíquicas.

Metodologia: Relato de experiência clínica com aporte teórico disponível nas bases de dados Scielo e Lilacs.

Análise do caso clínico: benefícios arteterapêuticos

Nesta seção será apresentado o conteúdo de nove sessões arteterapêuticas realizadas no ano de 2019, com duração aproximada de uma hora e meia para cada encontro semanal, referentes ao caso clínico estudado, apresentando sua análise e resultados.

A paciente, logo no início do processo arteterapêutico relatou a presença de pensamentos negativos de morte e suicídio, recorrentes desde seus 13 anos de idade.

Na primeira sessão arteterapêutica foi realizada uma meditação guiada, para a simbolização do seu Eu. Ela desenhou uma estrela azul, de cinco pontas, em giz de cera (fig. 1). Sentia-se como mais uma na multidão, como as estrelas no céu, mas que também tinha a sua luz própria e importância.

Chevalier e Gheerbrant (2015) afirmam que as estrelas possuem um caráter celeste, símbolo do espírito e particularmente do conflito entre as forças espirituais e as forças materiais. Uma possível analogia para o relato trazido por ela, pois houve o conflito inicial de constatar sua subjetividade enquanto estrela única, e ao mesmo tempo sentir-se parte da materialidade humana, como mais um ser na existência e metaforicamente mais uma estrela no céu.

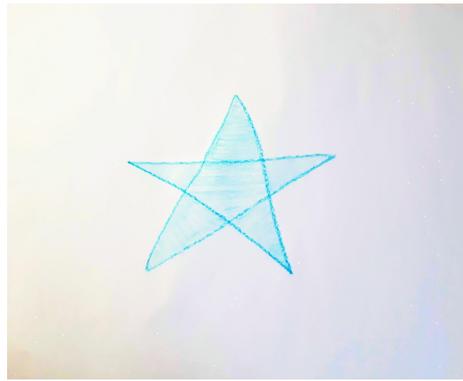


Fig. 1 Desenho em giz de cera

Em continuidade ao seu processo foi realizado um trabalho de expressão livre com a colagem (fig. 2). Nesta atividade ela manifestou importantes aspectos de trabalho arteterapêutico relativo ao afeto familiar e relação social.

Escolheu algumas imagens e expressou a colagem essencialmente preenchida por palavras. Na partilha sobre a expressão artística colocou a dificuldade de relacionamento social e afetivo, apresentada na colagem com o medo, o estresse, a expectativa, a baixa autoestima, obsessão por felicidade, dentre outros. O pai era ausente fisicamente e afetivamente, não o tinha como uma boa referência paterna e masculina.

Segundo Eizirik e Bergmann (2004), apud Lima (2012) figuras paternas omissas, ausentes, descuidadas, tendem a influir em suas filhas mulheres sentimentos de insegurança, baixa autoestima, baixa utilidade e dificuldade de estabelecer relacionamentos amorosos satisfatórios.

Foi apresentado por ela a possível dificuldade em namorar, advinda de uma associação negativa à figura do pai. O estresse foi expresso na colagem como consequência das complicações na relação paterna e social.

De acordo com Dutra (2012) o estresse é um sintoma relevante para se entender o comportamento suicida. Uma perda interpessoal, um grande conflito com um parente, ou namorado(a), está presente em 70% dos casos de tentativas de suicídio e de suicídio. Esta realidade torna o adolescente e o adulto jovem mais suscetível ao estresse associado à escola, estudos ou problemas sociais, o que pode inferir na precipitação de atos autodestrutivos na população adolescente.



Fig. 2 Colagem no kraft

A paciente expressou verbalmente, após a realização da colagem, a busca de um movimento que trouxesse mudança de ares e mudança de tom em sua vida, o que corrobora com o pensamento trazido por Feijoo (2010) de abertura à uma singularização e movimento existencial como possibilidade.

Segundo o mesmo autor o tédio e a angústia são tonalidades afetivas que oportunizam espaço para que a singularização se dê. Na angústia, há um esvaziamento do sentido que impulsiona o movimento existencial cotidiano, gerando novas possibilidades.

Em sessão posterior a paciente trouxe o sentimento de angústia em relação aos pensamentos persistentes de morte. Foi trabalhada a expressão artística livre desse sentimento (fig.3). Desenhou sua face e parte do corpo representada pelo vazio. Referiu-se ao vazio de sentir-se às vezes incapaz nos estudos e trabalho, e de não ter o apoio do pai na conquista das suas realizações. Trouxe a queixa recorrente da carência afetiva paterna.

Relata Jung (2013) que há acontecimentos que marcam a vida e sua decorrência duradoura e forte na juventude. A durabilidade do complexo é garantida pela existência de uma tonalidade afetiva poderosa, perdendo a tonalidade afetiva, desaparece também o complexo.

Simbolizar a tonalidade afetiva ligada à angústia, na expressão "o vazio", proporcionou à paciente concentração na realização da atividade proposta e posterior indagações sobre si, colocadas na partilha sobre o desenho. Trabalhou a relação do complexo parental com sua vida cotidiana e como isso a afetava.



Fig. 3 Desenho em giz de cera: O vazio

Para Stanley e Miller (1993) “o foco da sessão arteterapêutica pode permanecer no resultado da atividade artística, tornando esta uma via mais fácil para trazer à consciência sentimentos perturbadores” (p.401).

Em continuidade nas sessões foi trazida a reflexão do conto "O iluminado" com foco no positivo (MATOS; CARAM, 1998). O objetivo foi auxiliá-la a localizar e valorizar suas potencialidades. Após a escuta do conto realizou a expressão artística de uma pintura em tinta guache (fig. 4).

Pintou uma formiga trabalhadora que carregava uma folha como seu alimento. Assim, se sentiu. O foco no positivo trouxe a ela a reflexão e verbalização dos aspectos positivos que enxergava em si, como estudiosa e buscadora. Analisou a possibilidade de mais leveza na sua vida com a analogia feita ao simbolismo da folha, mas ainda não sabia na prática como fazê-lo.



Fig. 4 Pintura em guache

Na sessão subsequente foi trabalhada a expressão em desenho, no papel camurça preto, do seu maior desafio naquele momento. Expressou na atividade artística a dificuldade de sair da bolha relacionada às ideias de morte, de dificuldades na relação social e mágoas do pai (fig. 5).

Foi trabalhado junto à paciente nesta sessão a dinâmica psíquica da sua ideação suicida, com a narração da cena dos pensamentos de morte objetivando o esvaziamento do imaginário através da amplificação.

Segundo Pieri (2002) a amplificação é um mecanismo de prática psicoterapêutica conduzida ao movimento e esclarecimento dos afetos. A paciente ao falar da expressão artística da bolha trouxe mais detalhamentos da cena ideativa e repetitiva, possibilitou um melhor entendimento e clarificação do seu sintoma.



Fig. 5 Desenho com pastel oleoso 1

Desenhou como possível solução desta situação, no papel camurça branco, o rompimento da bolha, com ideias boas e mais coloridas, e se desenhou livre (fig. 6). Constatou-se a percepção de um processo psíquico em mudança com a integração do que a afligia.

Afirma Pieri (2002) que a integração é um nível de estruturação da personalidade, de comunicação entre conteúdos conscientes e inconscientes, entre parte masculina e feminina da personalidade.



Fig. 6 Desenho com pastel oleoso 2

Em continuação foi iniciado um trabalho com a temática de sementeação do seu jardim, com a leitura do conto "A formiga e o grão de trigo" (Matos e Caram, 1998) para auxiliá-la no trabalho interno de movimento de plantio para a possível colheita dos frutos resultantes de um processo.

Colocou como sementes a plantar (fig. 7) o amor próprio, o amor aos familiares, o perdão, a paciência, coragem para o tempo das mudanças e paz na mente. Nesta sessão ela elaborou possibilidades construtivas de ressignificação dos seus afetos, com análise e busca de compreensão da dinâmica familiar ao qual pertence.

Segundo Sans (2003) os homens são resultado da totalidade do que percebem, imaginam e sentem a todo instante. A imagem interna que pensamos e engendramos influencia nossa percepção e experiência pessoal no mundo.



Fig. 7 Semear o jardim

Foi utilizada em uma das sessões a argila como recurso arteterapêutico, iniciada com a visualização do vídeo The Potter (Burton, 2005), que abordou o trabalho paciente entre dois personagens com o benefício da cerâmica.

Após a visualização do vídeo e um momento de pausa com os olhos fechados, ela utilizou a argila e deu forma a um coração (fig. 8), que simbolizou fazer tudo o que aspirava em sua vida com amor e dedicação.

Carrano (2002) sustenta que manusear a argila é simultaneamente tocar-se. Enquanto se modela o barro se vai organizando e dando forma ao que está dentro, algo internamente vai sendo moldado, atravessando sentidos e estimulando sentimentos adormecidos.

A paciente expressou surpresa no resultado da criação com a argila, foi seu primeiro contato com o material. Gostou da sua expressão artística e sentiu no manuseio uma modelação que partiu de dentro para fora, conseguindo materializar seu sentimento na forma.



Fig. 8 Modelagem em argila

Em prosseguimento, trouxe em sessão sobre sua busca espiritual, estava realizando pesquisas na internet sobre religiões. Foi pedido como expressão artística nesta sessão um trabalho livre com a lã e cartolina para representação desta busca. Foi utilizado inicialmente música clássica para o relaxamento e interiorização.

Representou artisticamente seu caminho (fig. 9), com a fala simbolizada como segura e decidida expressa pela boca. Manifestação segundo ela da busca de si e de seu caminho numa singularidade, envolvendo a espiritualidade.

Segundo Saunders e Saunders (2000) a Arteterapia pode auxiliar o indivíduo a ser mais expansivo sobre seus sentimentos e reduzir a probabilidade de introjetá-los de forma prejudicial à saúde, o que foi observado no percurso da paciente.

Ela também apresentou um processo de individuação em curso, que de acordo com Pieri (2002) apresenta duas referências essenciais, um processo interior e subjetivo de integração e também de relação com o outro.

Para ela significou um caminho contínuo de mudanças internas e relacionais em construção.



Fig. 9 Lã na cartolina

Considerações finais

Durante o percurso da paciente foi identificada a relevância da dimensão familiar e social ligada ao fenômeno da ideação suicida. Esta identificação foi analisada e trabalhada no setting arteterapêutico concorrente ao seu percurso e história de vida.

Há mortes simbólicas diárias para aqueles que se propõem a transformações psicoemocionais e a se conhecerem de forma mais consciente, compreendendo a dinâmica psíquica particular envolvida.

Aprender a escutar o próprio sintoma foi parte importante do processo da paciente para a mudança da cena repetitiva, dos pensamentos recorrentes de ideação suicida. O esvaziamento destes pensamentos através da expressão artística e sua verbalização no setting arteterapêutico a conduziu num percurso de ressignificações.

O trabalho arteterapêutico de integração do sintoma possibilitou atravessar o problema e integrá-lo para a compreensão do seu funcionamento e mudança.

As sessões arteterapêuticas proporcionaram a ampliação da expressão pela paciente, através da utilização das ferramentas artísticas por ela utilizadas, contribuindo para a redução dos pensamentos recorrentes de morte, melhor compreensão de sua dinâmica familiar e o fortalecimento de sua auto-estima.

O sentido de vida se cumpre no indivíduo quando ele reconhece a dinâmica psíquica que o envolve, identifica e encontra possibilidades de ação rumo às necessárias mudanças de padrões repetitivos que impedem o equilíbrio psíquico.

A paciente, uma jovem em desenvolvimento, conseguiu enxergar em si possibilidades de transformações rumo a uma vida mais saudável, resiliente tendo as expressões artísticas, por ela realizadas no setting arteterapêutico, como forte aliadas em seu processo de individuação em curso.

Data de recebimento: 30.05.2021

Data de aceite 1º parecerista: 02.10.2021

Data de aceite 2º parecerista: 26.01.2022

Referências

BORGES, V. R. WERLANG, B. S. G. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 13 a 19 anos. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v.7, n. 2, p. 345-351, 2006.

BRASIL. Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 09 jun. 2014. Disponível em: <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/zip/U_PT-MS-GM-1271_060614.pdf>. Acesso em :11 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Brasília. v. 48, n. 30, p. 1-14, 2017a. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2021.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil 2017 a 2020**. Brasília- DF, 2017b. Disponível em:

https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cartilha_agenda-estrategica-publicada.pdf.

Acesso em: 30 out. 2021.

BURTON, J. **The Potter**. 1 vídeo (7,49 min.). 2005. Disponível em: <https://vimeo.com/2676617>. Acesso em: 28 out.2020.

CARRANO, E. A argila como instrumento terapêutico e expressão do imaginário. **Revista Imagens da Transformação**. Rio de Janeiro, Clínica Pomar, v. 9, n. 9, p.106-115, 2002.

CHEVALIER, J.GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 12, n. 3, p. 924-937, dez, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2020.

FEIJOO, A. M. L. C. (Org.). Tédio e finitude em uma perspectiva daseinsanalítica. In: _____. **Tédio e finitude**: da filosofia à psicologia. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2010. p. 145-176.

GREFF, A. P. et. al. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. Suicídio na Pandemia COVID - 19, 2020. Cartilha. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41420>. Acesso em: 01 nov.2021.

HARNDEN, B; ROSALES, A. B.; GREENFIELD, B. Outpatient art therapy with a suicidal adolescent female. **The arts in psychotherapy**, v. 31, 165-180, 2004.

JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**, tradução de Márcia Sá Cavalcanti. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 335p.

KNOBEL M. A. Síndrome da adolescência normal. In: Abe-rastury A, Knobel M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas; Cap. 2, p.24-62,1992.

LIMA, A. P. P. Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. v. 29, suppl 1, p. 821-830, 2012. [Acessado 1 Novembro 2021] ,. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500018>>. Epub 21 Fev 2013. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500018>.

MATOS, G; CARAM, C. **Projeto convivendo com arte**. Belo Horizonte - MG, 1998. Disponível em: www.gislayne matos.com.br. Acesso em: 28 out. 2020.

MOREIRA, L. C. de O.; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional** [online], v. 19, n. 3, p. 445-453, 2015. [Acessado 14 Dezembro 2021] Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>>. Epub Sep-Dec 2015. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>.

OMS. **Suicídio**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>. Acesso em: 14 maio 2021.

PHILIPPINI, A. Mas o que é mesmo Arteterapia? **Revista Arteterapia Imagens da Transformação**. v.5, n.5, p. 4-9, 1998.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. Paolo Francesco Pieri/ tradução de Ivo Stormiolo. São Paulo: Paulus, 2002.

RIBEIRO, J. M.; MOREIRA, M. R. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2821-2834, 2018 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000902821&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018239.17192018>.

SANS, J. **Dançando o sonho**: os sete caminhos para a transformação humana. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SANTANA, C. L. A. **Avaliação de resultados em arteterapia**. Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

SAUNDERS, E., & SAUNDERS, J. Evaluating the effectiveness of art therapy through quantitative, outcomes-focused study. **The Arts in Psychotherapy**, v. 27, p. 99–106, 2000.

SILVA, D.; MARCOLAN, J. O comportamento suicida na realidade brasileira: aspectepidemiológicos e da política de prevenção. **Revista M**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 31-44, jan./jun. 2019.

STANLEY, P.; MILLER, M. Short term art therapy with an adolescent male. **The Arts in Psychotherapy**, v. 20, p.397–402, 1993.

TIBBETTS, T., & STONE, B. Short term art therapy with seriously emotionally disturbed adolescents. **The Arts in Psychotherapy**, v.17, p.139–146, 1990.

WERLANG, B. S. G.; BORGES, V. R.; FENSTERSEIFER, L. Fatores de risco ou proteção para a presença de ideação suicida na adolescência. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 39, n. 2, p. 259- 266, 2005.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. **Suicide**, 2 de Setembro de 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>. Acesso em: 14 maio 2021.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica, relatos de experiência, resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses.
2. Antes do encaminhamento dos trabalhos para o Conselho Editorial da Revista da AATESP, estes devem ser submetidos à revisão da língua escrita por um profissional habilitado, ficando para o parecerista a responsabilidade pela análise do conteúdo do trabalho.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” devem ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. Em caso de artigos de profissionais de outras áreas que fizerem uso da Arteterapia em seus trabalhos de pesquisa, estes poderão ser submetidos à nossa apreciação, desde que assinados por um profissional arteterapeuta, co-autor, validando as intervenções arteterapêuticas aplicadas e obedecendo o mesmo critério do item anterior em relação ao mesmo.
5. Trabalhos de cunho teórico com o objetivo de contribuir para a expansão dos estudos na área da Arteterapia também podem ser apresentados para nossa apreciação, haja vista a importância da relação da Arteterapia com outras áreas do conhecimento.
6. Os artigos e relatos de experiência devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
7. O autor deve enviar o trabalho somente para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
8. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
9. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
10. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e palavras-chave, conforme instruções do item 6.
11. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
12. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
13. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

◆ Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

◆ Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

◆ Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

◆ Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

◆ Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

◆ Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no

próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- ◆ **Citações diretas com mais de três linhas** devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas. Exemplo: Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

- ◆ **Citações indiretas** devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- ◆ Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda=][